



REPRODUÇÃO DA LAVADEIRA-MASCARADA *FLUVICOLA NENGETA* (AVES: TYRANNIDAE) EM ÁREA URBANA NO RIO DE JANEIRO, RJ

Fernandes, V.M.^{1,3}; Tomaz, V.C.² & Alves, M.A.S.³

¹Programa de Iniciação Científica. ²Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. ³Departamento de Ecologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Fluvicola nengeta é uma ave típica do nordeste brasileiro que habita a beira de açudes e águas lamacentas em locais de vegetação baixa ou chão descoberto, com alta incidência solar (Willis 1991; Sick 1997; Carlos *et al.* 2000). Entretanto, desde a década de 50, sucessivos registros desta espécie vêm sendo feitos na região sudeste (Alvarenga 1990; Pacheco 1993; Sick 2001), cujo desmatamento foi atribuído por Willis (1991) como causa para a sua expansão geográfica.

Poucos estudos foram realizados a respeito da biologia de *F. nengeta*, tanto em seu habitat nativo quanto em área urbana. No presente estudo apresentamos dados referentes à nidificação e investimento parental, durante os períodos de incubação e de cuidado com a prole, de um par reprodutor de *F. nengeta* em área urbana da cidade do Rio de Janeiro.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (22°54'S, 43°14'W). A área possui muitas edificações e sofre intenso fluxo de pedestres e veículos.

Foram acompanhados três ninhos de um par reprodutor de *F. nengeta*. Um dos indivíduos do par foi capturado durante a construção do primeiro ninho e individualmente marcado com anilhas coloridas. Foi retirada uma amostra de seu sangue da veia tíbio-tarsal e o sexo foi determinado molecularmente através do gene CHD (Griffiths *et al.*, 1998).

As observações foram realizadas em períodos de 2 h. Os intervalos de observação foram complementares ao longo de três dias consecutivos de forma a amostrar todos os horários entre 0600h e 1800h igualmente. A distância de observação foi de aproximadamente 15 m. Foram realizadas observações do primeiro ninho com binóculos 7x25, perfazendo um total de 36 h, sendo 24 h de

incubação e 12 h de cuidado com a prole. Foi contabilizado o tempo de permanência de cada indivíduo do par reprodutor no ninho durante a incubação e cuidado com a prole, além do número de itens alimentares levados por cada indivíduo aos ninhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O período reprodutivo ocorreu entre o início do mês de agosto e meados do mês de novembro, similar ao de outros Passeriformes do sudeste do Brasil (Aguilar *et al.* 2000), entretanto começou um mês antes do registrado por Pacheco & Simon (1995) como época reprodutiva para a espécie.

Durante o período de observação, o par reprodutor construiu três ninhos no mesmo local. O primeiro ninho foi encontrado predado seis dias após a eclosão. O segundo ninho foi encontrado caído no chão antes mesmo de ter sido terminado. O terceiro ninho foi predado por um gavião-carijó, *Rupornis magnirostris*, (Aves: Acciptridae) durante um dos períodos de observação. Não se sabe se o primeiro e o segundo ninhos foram predados também por gaviões, pois dois gatos foram vistos rondando o ninho.

Os ninhos foram encontrados em uma área aberta alterada com vegetação rasteira a 2 m de altura do solo, apoiados pela base sobre um holofote fora de uso. Os corpos d'água mais próximos estavam a 100m e 200m do local. Os ninhos possuíam forma ovalada, com uma entrada lateral. Para construção foi utilizado predominantemente material vegetal, além de penas forrando a câmara incubatória, plástico, barbante e emaranhados de cabelo. A utilização de material antrópico na nidificação da espécie não foi encontrada na literatura. A área em que os ninhos foram construídos está de acordo com as descrições feitas por Carlos *et al.* (2000) sobre o habitat da espécie. A forma do ninho e a posição da entrada seguiram o padrão encontrado por Skutch (1985), Pacheco & Simon (1995) e Luciano *et al.* (2006). A altura e o substrato de fixação dos ninhos estão de acordo com o registrado

por Pacheco & Simon (1995), diferindo do encontrado por Luciano *et al.* (2006), também em área urbana. A ausência de corpos d'água próximos aos ninhos registrados no presente estudo confirma que este não é um fator determinante para a nidificação da espécie (Pacheco & Simon 1995).

Em cada um dos dois ninhos em que houve postura (primeiro e terceiro) foram registrados três ovos brancos com manchas marrons, sendo produzidos três ninhegos por ninho, o que está de acordo com a literatura (Skutch 1985, Pacheco & Simon 1995, Luciano *et al.* 2006).

A incubação durou 15 dias. Apenas o indivíduo marcado (determinado como fêmea) incubou, durante o dia e, provavelmente, à noite, comportamento comum à família Tyrannidae (Sick 2001). O tempo de permanência no ninho foi em média (\pm dp) de 13 min (\pm 7 min) e fora do ninho foi 11 min (\pm 4 min). Não houve diferença no tempo de permanência no ninho entre a primeira (60,8%, n=12h) e a segunda semana (61,6%, n=12h) de incubação. Foi observado que os períodos de maior atividade fora do ninho foram entre 0600h e 0800h (provavelmente pela necessidade de forragear pela manhã) e entre 1200h e 1400h, possivelmente por ser o horário mais quente do dia, possibilitando mais tempo fora do ninho sem comprometer o aquecimento dos ovos, além de uma maior atividade dos artrópodes. A fêmea passou a não mais permanecer no ninho a partir do sexto dia, coincidindo com o aparecimento dos primeiros canhões nos corpos dos ninhegos.

A dieta oferecida aos ninhegos foi constituída exclusivamente de artrópodes. Do total de 194 itens registrados, 66% foram levados pelo macho e 34% pela fêmea. A média (\pm dp) do número de itens/h levados pelo macho ($9,75\pm 1,85$) e pela fêmea ($2,5\pm 1,41$) se manteve constante até o quinto dia. No sexto dia de observação ambos os sexos ofereceram 12 itens/h, havendo um aumento no número de visitas realizadas pela fêmea.

O macho se mostrou mais ativo que a fêmea quanto à defesa do ninho. O evento de predação se deu quando os ninhegos já apresentavam a plumagem adulta quase completamente desenvolvida, entre 8 a 10 dias. O gavião realizou dois ataques sucessivos ao ninho num período de 2h (entre 1500h e 1700h), tendo predado dois ninhegos no primeiro ataque e um no segundo. Não houve danos ao ninho durante os dois primeiros ataques, tendo o gavião colocado a perna pela entrada do ninho para pegar os ninhegos. O ninho foi encontrado destruído no chão às 1800h do mesmo dia. Os resultados sugerem que, embora as condições antrópicas

permitam a reprodução da espécie, a predação pode ser um fator importante atuando no controle populacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, T.M.; Maldonado-Coelho, M. & Marini, M.Â. 2000. Nesting biology of the Gray-Hooded Flycatcher (*Mionectes rufiventris*). *Ornitologia Neotropical*. 14:223-230
- ALVARENGA, H.M.F. 1990. Novos registros e expansão geográfica de aves no Leste do Estado de São Paulo. *Ararajuba* 1:115-117.
- CARLOS, C.J; CASTELETI, C.H.M. & SOUZA, M.A. 2000. Seleção de habitat por *Fluvicola nengeta* (Aves: Passeriformes) no campus da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. *Biota* 1(1):01-04.
- GRIFFITHS, R.; DARBLEM, M.; ORR, K.C.Y.; DAWSON, R.J.G. 1998. A DNA test to sex most birds. *Molecular Ecology*. 7:1071-1075.
- LUCIANO, E.; FERNANDES, P.A. & MELO, C. 2006. Cuidado parental de *Fluvicola nengeta* (Tyrannidae, Aves) em ambiente urbano. Livro de resumos do VII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu, MG. 584.
- PACHECO, S. & SIMON, J.E. 1995. Variações no padrão de nidificação de *Fluvicola nengeta* Linnaeus, 1766 (Aves, Tyrannidae). *Revista Brasileira de Biologia* 55(4):609-615.
- SICK, H. 2001. *Ornitologia Brasileira*. Ed. Nova Fronteira, 2a edição, Rio de Janeiro.
- SKUTCH, A.F. 1985. Clutch size, nesting success, and predation on nests of neotropical birds, reviewed. Pp. 575-594. *In*: BUCKLEY, P.A.; FOSTER, M.S.; MORTON, E.S.; RIDGELY, R.S. & BUCKLEY, F.G. *Neotropical Ornithology*. Ornithological Monographs no.36. The American Ornithologists' Union. Washington, D.C.
- WILLIS, E.O. 1991. Expansão geográfica de *Netta erythrophthalma*, *Fluvicola nengeta* e outras aves de zonas abertas com a "desertificação" antrópica em São Paulo. *Ararajuba* 2:101-102.